

O HERALDO

Editor,

JOSE MARIA DOS SANTOS

ANTIGO

"JORNAL DE ANNUNCIOS"

Composição e Impressão,

TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

ADEGAS SOCIAES

É o notável livro de propaganda associativa, afigura pratica das associações agrícolas em Portugal, pelo sr. Pedro Ferreira dos Santos, que reproduzimos o seguinte trecho como "primeiro" nas vésperas do seu apparecimento á venda. O autor, vice-presidente da Liga dos Lavradores da Beira, que ajudou a organizar, é um dos fundadores do Syndicato Agrícola de Nellas, da União Vinícola do Dao e da Caixa de Seguros de Gado, de Povoa. Tem, pois, dado provas praticas e publicas da sua competencia n'estes assumptos, sobre os quaes escreveu agora a utilissima obra que o illustre agrônomo e deputado sr. D. Luiz de Castro prefaciou e que a Real Associação de Agricultura editou.

As Adegas sociaes do decreto de 14 de junho movem-se n'um eixo que se apoia por uma das extremidades no auxilio effectivo do Estado e por outra na iniciativa individual. Toda a questão, pois, se resume em verificar a segurança d'estes dois pontos de apoio.

No *protecçãoismo do Estado*, não pôe Berget grandes esperanças; e, effe tivamente, se fôrmos a avaliar pelos exemplo do estrangeiro, que elle aponta, pare e que a organização económica da viticultura pouco pôde depender da acção dos poderes publicos. O Estado Providencia é um *bibron* a que nós, os povos da reça latina, andamos viciosamente acostumados, e que tem graves inconvenientes praticos, porque habita os individuos a uma especie de mendicância politica e auctorisca os governos d'uma constante e deprimente tutela.

Esta é a verdade. Mas em Portugal não ha, infelizmente, outro modo de fazer germinar a semente cooperativa no ingratisimo terreno da viticultura. Os governos terão de supprir, até certo ponto, o trabalho e os esforços da iniciativa dos viticultores, provocando elle proprio a criação das Adegas sociaes — se quizerem acudir a tempo aos desastres porque está passando a viticultura nacional e salvar da ruina a nossa primeira e principal fonte de receitas publicas.

Comprehende-se o septicismo de Berget, porque, em materia de associação vinicola, nada se afigura viavel fora da *iniciativa particular* e da actividade pessoal de todos os interessados.

Mas, se Berget, com a sua grande sciencia e experiencia de economista, professor, viticultor e oenologo, conhecesse tambem a scena minuscúla das nossas localidades rurais, a crassa ignorancia, os ruins habitos individualistas, o *feitio* desconfiado do grande numero dos viticultores portuguezes; se elle soubesse até que ponto as *tendencias individualistas* da cultura da vinha e a falsa miragem da sua independencia, isolando uns dos outros os lavradores, tem levado certas localidades e regiões vitícolas do nosso pequeno paiz a exaggeros de egoismo feroz e de intolerancia e estupidos regionalismos; se Berget conhecesse enfim mais de perto o que se passa em Portugal — modificaria certamente o seu scepticismo e teria comprehendido a razão porque os governos portuguezes carecem para remediar as crises economicas, de recorrer a auxilios efficazes, supprindo, na instituição de Adegas sociaes, a propria iniciativa e a actividade pessoal dos interessados.

Quem quizer comprehender a obra utilissima que em Portugal se propõe realizar o decreto de 14 de junho de 1901, da iniciativa do ministro Vargas, não deve esquecer que as Adegas sociaes nasceram da necessidade de remediar

uma afflicta crise economica — a crise vinicola portugueza.

Os poderes publicos não só devem proteger e auxiliar as Adegas sociaes, mas até precisam de lhes imprimir um forte e rapido impulso afim de que estas instituições venham a tempo de evitar o recrudescimento da crise vinicola, ainda não conjurada, por estas e outras inevitaveis medidas de salvaguarda publica.

As Adegas sociaes não são remedios que se possam improvisar rapidamente. Carecem de uma experiencia prudente e gradual, feita como ensina Berget, com *debutes modestos, um minimo de sacrificios, sem direcções dispendiosas e como o material sómente indispensavel*.

Uma outra questão agora a tratar, é saber se o plano do decreto de 14 de junho é compativel com estes ensinamentos da pratica da cooperação vinicola europeia.

Não vemos necessidade de alterar ou modificar as disposições d'este decreto para o adaptar a estes ensinamentos.

Dentro de cada uma das 8 grandes circumscripções vinícolas em que o Estado se propõe promover e auxiliar a laboração das Adegas do 1.º grau (regionaes) — podem e devem estabelecer-se os pequenos «depositos de lavradores» e as «Adegas (sociaes) livres» e em numero bastante para organizar previamente a produção local, assegurando a qualidade, a constancia e a regularidade dos fornecimentos.

Todos estes depositos e pequenas Adegas podem e devem constituir-se livremente, em condições modestissimas, e sob a base da responsabilidade solidaria e illimitada como Berget tanto recommenda.

Assegurados os resultados da cooperação por estas experiencias prévias, feitas gradual, prudente e methodicamente; unificado e fixado o tipo da produção local n'estas verdadeiras «escolas primarias» da vinificação cooperativa; então occasião d'estas associações locais, autonomas (como recommenda o congresso de Navarra) se *federarem* nas empresas regionaes de unificação e lotação, a que o mencionado decreto chama Adegas regionaes ou do 1.º grau, e que tem por fim fundar em grandes massas de vinhos commerciaes e apropriados ao commercio interno, externo, ou á exportação as produções dos sociarios adherentes, viticultores da respectiva região.

É evidente que o proprio interesse d'estas pequenas Adegas locais e autonomas as obriga a constituir-se em federação, formando a respectiva Adega regional para evitar entre si mesmas os effectos da concorrência que seria funestissima, e remediar pela existencia d'um maior stock armazenado as crises bruscas e imprevistas nascidas da irregularidade das colheitas.

Só as Adegas regionaes, de mais vasta circumscripção, de maiores auxilios do Estado e, por consequencia, de maiores recursos — é que poderão collocar os viticultores associados na situação de por si mesmos serem os reguladores do mercado. Esta *federação regional* impor-se-ha como uma necessidade porque a grande fluctuação de preços, e as frequentes perturbações que se tem dado ultimamente no mercado de vinhos, continuarão fatalmente enquanto a viticultura e as suas pequenas associações locais não se organisarem economicamente, libertando-se da dura necessidade de escoar toda a colhei-

ta individual ou commum no proprio anno que segue a vindima. A seu turno as proprias Adegas regionaes tem tambem de entrar no regimen federativo.

Como já dissemos, a estas cooperativas regionaes (adeagas do 1.º grau) convem a forma de sociedades anónimas de responsabilidade limitada, por acções, porque é a unica compativel com associações de circumscripção vasta. Estas acções poderiam e deveriam, a nosso vêr, ser tomadas, de preferencia, pelas diferentes associações locais e viticultores adherentes e na proporção das suas entradas (em vinho).

Empresa Portuguesa de Navegação para o Algarve e Guadiana

Começaram hontem as carreiras do vapor *Algarve*, entre Lisboa e Villa Real de Santo Antonio e do vapor *Guadiana*, entre Villa Real de Santo Antonio e Mertola.

São agentes d'esta empresa os srs. Antonio Marreiros, em Sines; Sebastião Luiz da Silva, em Lagos; Ignacio Quintino d'Avellar, em Portimão; D. Beatriz d'Almeida, em Faro; Lourenço do O' da Silva, em Olhão; José Centeno & C.ª, em Tavira; Gomes & Capá, em Villa Real de Santo Antonio; Antonio Faisca Caimoto, em Alcoutim; José Martins Coriel, sobrinho, no Pomarão.

Séde da empresa em Lisboa, rua da Magdalena, 16—Succursal em Mertola, largo da Misericórdia. Em qualquer d'estas agencias já se acham patentes as tabellas de preços e o horario do vapor *Guadiana*, para o mez de junho. Além da agencia em Tavira, tambem estas tabellas estão patentes na tabacaria Popular, praça da Constituição.

TUNA FARENSE

No passado domingo esteve entre nós a tuna *Farense* sob a regencia do distinctissimo amator dr. Alberto de Moraes e deu n'essa noite no theatro *Tavirense* um esplendido concerto em honra das damas de Tavira.

A tuna que se compõe de mais de trinta figuras, agradou bastante, sendo todos os numeros executados seguidos de repetidas salvaes de palmas.

A parte dramatica foi preenchida por uma farça em um acto de Hemiterio Arantes, *O Mar*, lindissima poesia do dr. Rodrigues Dávila, recitada pelo tuno Antonio Galvão; e a engraçadissima canção *O Pónei Sortido* pelo nosso amigo e conhecido amator farense Damão Pantoja que a desempenhou como era de esperar da sua decedida vocação fazendo-nos rir durante o quarto de hora. Por motivo de incommodo de um dos rapazes foi trocado um monologo por uns versos de Fernando Caldeira, magistralmente ditos pelo ensaiador dr. Alberto de Moraes.

Ao findar o ultimo compasso do *Dien' vive?* o panno desceu lentamente, ouvindo-se numerosas vivas dos tunos as gentis damas de Tavira, que se repetiram depois a salida do theatro onde os rapazes haviam formado alas.

Enfim uma noite esplendida e pena foi não se ter enchido completamente a casa.

EDUARDO A. PARBEIRA FARIA
SOLICITADOR
TAVIRA

Instrução Publica

Como ultimamente algumas professoras particulares tem pedido a sua certidão de inscripção ao subinspector d'este circulo, advertimo-las para seu interesse que é na secretaria da Inspeção em Lisboa que taes certidões se passam, mediante emolumentos de 300 réis (§ unico do art.º 359.º e 317.º do Regulamento vigente) e 100 réis de papel sellado.

Os professores das escolas officiaes e particulares devem enviar ao subinspector, a partir de 20 de junho, uma relação dos alumnos propostos para exame de 1.º grau, contendo a indicação do nome, filiação, idade e tempo de escola de cada um. Da mesma forma procederão os chefes de familia, cujos filhos hajam recebido o ensino domestico.

A relação acima citada tem o n.º 12 no catalogo dos impressos da Imprensa Nacional e encontra-se á venda na casa Mara & Trigo — Havaneza — em Faro, onde as Camaras devem, a pedido dos professores, fazer desde já aquisição d'ellas.

Os individuos fora da idade escolar devem requerer na mesma epoca ao subinspector a admissão ao exame de 1.º grau.

Os requerimentos para os exames de 2.º grau devem ser feitos em papel commum, dirigidos e entregues de 15 a 30 de junho ao subinspector e conter o nome do requerente, idade, naturalidade, filiação e residência, devem apresentar nota do pagamento de propina de 1250 réis, effectuada na recebedoria do concelho em conta corrente com o fundo de instrução primaria.

Além d'isso, o requerimento será tambem assignado pela pessoa que leccionou o requerente, com a designação de ser professor, pae, pai, tutor, ou acompanhante de certidão de idade reconhecida que prove ter o requerente completado dez annos ou que os completa até 31 de dezembro, e do respectivo certificado do 1.º grau.

N'este exame são dispensados do pagamento de propina os requerimentos de alumnos que provem, em facé de attestado jurado do parcho ou regedor da freguezia, ser pobres.

Por indicação do subinspector interno d'este circulo escolar váe a direcção geral distribuir o seu *Bolotin* a 20 professores que mais zelosos se tem mostrado no desempenho da sua espinhosa missão.

D'esta forma, poderão, em breve, adquirir o indispensavel conhecimento da nossa legislação primaria, que só agora começa a ser coordenada e por estudo comparado que a isso se presta o *Bolotin*, avaliarem o muito atrazo em que estamos não só em theoria mas tambem no campo da pratica, o que mais custa.

Váe ser creado um logar de ajudante na escola do sexo masculino, de S. Clemente de Loulé.

Parece que váe ser convertida em mixta a escola da Borda da do concelho de Aljezur.

JOÃO LUCIO
ADVOCADO
Consultas
Em Faro
das quartas e sextas feiras
Escritorio—Rua Primeiro de Dezembro 3, 1.º E.
Em Olhão
nos restantes dias
Escritorio—Rua do Rosario

A CIGANA

Helena se chamava ella, Morena, pelle doirada, labios muito vermelhos, cabelo negro, sob o lenço multicolor, de seda fina, vi-a chegar n'uma tarde de inverno com a caravana andrajosa, homens e mulheres de duvidoso aspecto, a pedir em lamurias, licença para acampar na quinta, na clareira, ao pé do olival.

Os creados não queriam deixal-os entrar na propriedade. Uma sucia de ladrões! De vadios! Um até pensou em soltar os cães, para nos livrarmos de tal praga!

A berraria era medonha! Eu estava proximo; em meia duzia de passos appareci junto do portão.

E logo toda aquella gente me rodeou. — *Meu rico signor! Meu rico signor!* clamavam as mulheres — deixe entrar nossos carros!.. deixe acampar nossa gente no seu campo — a estrada está um lamagal, muito vento... não ha abrigos!

Compadecei-me. A logo toda a um gesto meu, os creados, abriram o enorme portão que encanarando se golpou de si uma turba muito estranha.

Havia homens mais lentos, barba rala, cabelo em grenha, jaquetas cocadas com alamares de prata. Mulheres de saias de cor garrida, filhos ás costas, olhos felinos!... Algumas eram lindas. Mas entre todas sobressaia uma.

Era uma rapariga, airosa, insinuante, de typo gracioso que fazia lembrar os bronzes caros que ornamentam os salões aristocraticos. O andar ligeiro tinha um requebro gracioso que fazia lembrar uma bailadeira oriental.

No cabelo negro que nem as azas d'um corvo realçavam, duas rosas vermelhas, postas ao acaso — mas, tão artisticamente, que dir-se-hiam collocadas depois de horas de incessante trabalho em frente d'um crystal de Venesa.

Não pude conter-me. — Que lindas flores, disse-lhe quando ella passou junto de mim. Dás-me uma d'ellas?

Sorridente, ella ia a responder, mas um braço forte de homem puchou a.

Era um cigano alto, olhar sinistro, um rosto cor-de-cidra. Com duas laminas, encontraram-se os nossos olhares, n'uma expressão de odio immenso.

Eu percebi que elle guardava aquella mulher como a um thesouro, e elle comprehendeu que muito gostosamente eu lh'a roubaria. Mas tudo isto foi rapido, instantaneo!

Quando acabei de ligar estas ideias, já elles desciam caminho do olival e os seus carros de tejadilho bojado de canna, gemiam entalando-se na lama amarelenta do atalho.

Veio a noite. Ao entardecer tinha chovido, no chão e nas arvores havia ainda agua. De todo o campo se erguiam perfumes, vagos raros, e por detrás d'umas arvores, a lha surgiu, prateando tudo finamente e reluzindo nas poças dos caminhos.

Eu sentara-me sob o alpendre tosco a tomar o ar fresco da noite. Através da verdura, vi lá ao longe apagar-se as luzes das barracas dos ciganos. A um certo vosear succedeu um silencio profundo que durou muito tempo.

Um relógio distante deu horas. Então, sem eu saber porque, pensei na linda cigana! Que formosa

mulher! Que vermelhidão de la-bios! Deviam ser de fogo! E per-tencia naturalmente ao outro, aquel-le antipathico cigano, cujo olhar in-certo, mas feroz, eu detestava... eu odiava! Que feliz aquelle ciga-no!

Lá ao longe, ao clarão da lua, entre um recorte da vegetação, ao fundo da estrada, pareceu-me di-vider um vulto. A principio duvi-dei. Foi de instantes a minha du-vida. D'entre o arvoredo recortou-se airoso e no azul uma ima-gem gentil de mulher...

—Reconheci-a estupefacto...

Era a linda cigana. Vendo-me, correu ella para mim, os olhos lu-ziam-lhe como lampejos de fogo!

—Que queres? perguntei a me-do, como se fosse tudo aquillo um sonho e eu temesse o desappare-cimento d'aquella mulher!

—Procurava-o, disse ella. Sahi da barraca só para procurá-lo!

—Mas que me queres tu?

Ella olhou-me um instante; o fluido dos seus olhos endoidecia-me!...

—Quer dar-lhe a flor que me

pediu esta tarde e estendeu-me a sua mão pequenina, segurando uma das flores vermelhas que na tarde eu vira destacar entre o seu onduloso cabelo negro!

Por detrás d'uma nuvem a lua occultára-se.

—Ao outro dia levantei-me tar-de...

—chovia torrencialmente— quando estive em direcção ao olival a ver o acampamento dos ciganos—dirigia-me para lá quando o abego me acenou!

—Patrão! A malta já se foi!

Logo de madrugada levantaram poiso!

Sairam num berreiro infernal uns com os outros e levando quasi arrastada uma das raparigas, por signal a mais bonita de todas, que chorava que até cortava o cora-ção!

Nunca mais tornei a ver a linda cigana! Pouco depois contaram-me os moços da lavoura que a justiça andava em procura d'um cigano chamado Pácco accusado de ter estrangulado uma rapariga da sua raça chamada Helena e ao que di-ziam, sua noiva!

Horrorisou-me aquella noticia!

Fugi d'alli e durante uma boa porção de annos não voltei aquelles sitios...

...pensei em vender tudo aquillo...

...houve tempo em que não haviam feitores nem creados que lá quizessem parar!

Diziam elles que todas as noites em que depois de chover fazia luar, lá do fim do atalho que vem direito ao alpendre surgia um vulto airoso de mulher que vinha co-mo trazida pelo ar até junto do banco rustico...

...ahi começava ti-rando d'entre os cabellos ondulo-sos e negros, flores vermelhas...

...vermelhas, muito vermelhas que espalhadas pelo chão se transfor-mavam em manchas sangrentas.

Faro, 29/5/94.

LYSTER FRANCO.

Livros

SINDICATOS AGRICOLAS

POR PEDRO JUDICE (CONTINUAÇÃO)

Ninguém diga que esse immen-so progresso se conquistou brusca-mente, não se pergunta em que la-pso de tempo. Ninguém ju-gue que a enorme distancia que separa o humilde e miseravel *Bathylbius*, do homem, foi galgada subitamente, aos saltos. Ou, que a grossa mura-lha da vida na espessura da longa serie organica foi construida por mat-riais talhados cada um sobre si, na occasião, cada pedra inde-pendente da outra, como esses blocos gigantescos que o ingenhei-ro deita na construção de uma doca, erguendo-os pelos braços for-midaveis de titan, para preencher o abismo das aguas, embora fac-etados e acomodados para forma-rem um todo, deixando vaos.

Não é assim. As formas ani-maes não vieram abruptamente.

Natura non facit saltus. Tais fór-mas derivaram simplesmente por uma lenta e longa transformação, passando por gradações sucessivas, as anteriores dando origem ás pos-teriores, transitando d'umas para as outras por filiação, tendo laços chegados de parentesco entre si como filhos que nascem de pais, mostrando que na natureza viva a perfeição só se alcançou á custa de esforços vigorosos e modelos anteriores sucessivamente emenda-dos, destruídos, perdidos, abando-nados, corrigidos e melhorados, como artista que estivesse traba-lhando no seu gabinete e á custa de esboços repetidos, mas calca-dos sobre o mesmo fundo e plano primitivo, continuamente aperfei-çoados, a rectificar aqui a dimen-são de um traço, ali a forma de uma curva, acolá a figura e estilo de um ornato, combinando as pe-ças e modificando viz a viz o de-senho, tivesse chegado lenta e la-boriosamente ao traço definitivo.

O progresso em toda a serie organica foi conquistado assim, co-mo atestam os documentos, vivos e mortos, que a Terra guarda no seu seio em preciosos arquivos, para quem os saiba ler e compre-ender.

E em tudo se nota integralmen-te esta lei.

O leitor, se tem olhos de ver, que os abra um momento, mas abra bem, e repare para o que vai á roda de si. Recolha por um ins-tante o seu espirito e repare, mas repare a valer, na admiravel or-dem do mundo e sucessão dos fe-nomenos. Eu não sei que facto da sua vida e da vida dos outros, ou mais geralmente, que facto da na-tureza lhe aponte que não esteja sujeito e obedeça pontualmente á regra que trago discutida.

E' curioso e investigador?

Transporte-se pelo pensamento aos tempos que já se foram e con-sidere se nos fins do terciário ou principios do quaternario, não im-porta quando, mas quando o ho-mem surgiu, miseravel e nu, sobre a crusta da Terra. Ai o tem tosco e selvagem, hirsuto e duro, tal co-mo a prehistorica o descreve, bru-to com a sua face bruta.

Acaso o tombar do pedregulho lhe ensinaria o afeição-o em b'a ou morteiro. Acaso o lascar do si-lex, o uso da primeira arma de pe-dra, lança ou machado, com que foi combater as feras, irmãos da sua vida errante e fugidia das selvas, seres medonhos como ele, su-bjugando os com a força do seu braco possante, de unhas quasi garras, servido por musculos vigo-rosos. Acaso do choque da ma-gnetida com a pedrreira, ao fac-ctar a pedra rija, saltasse a pri-meira faísca que lhe deu a noção do fogo, o qual preso nas materias facilmente inflamaveis, incendian-do-as, viesse com a sua lingua morna aquecer-lhe os membros frios e enrejados, lambendo-lhe o corpo em caricia suave, doce e adoravel de luz. Acaso o bordo cortante da estilha de pedra o guias-se ao achado do gume da faca, com que talhou na pele dos ani-maes os primeiros vestidos em que se abrigou. Depois vieram os in-strumentos mais resistentes traba-lhados com ossos e pau do ar, fu-radores e agulhas, com que coseu esses mesmos vestidos. O repres-ar de agua em poças naturais lhe daria a solução do primeiro vaso que fabricou de argila. Também o acaso e a necessidade lhe demons-trariam a utilidade e vantagem da industria da moenda de grãos, com um calhau de que fez pilão, sobre uma lage de grez de que fez almofariz.

Eis ai, para não formular mais, os primeiros cabedais do homem. E progredindo sempre, mais, tar-de, a pouco e pouco, conquistou em aquisições sucessivas todas as mais coisas de que o homem pri-mitivo primitivamente carecia. De-pois vem a domesticação dos ani-mais e a descoberta da agricultura. Depois veio a invenção da pintura, escultura, escrita, toda a riqueza e peculio generoso amontoado pe-lo braco criador da arte e indus-tria.

Todavia que diferença enorme, que abismo profundo, entre a gros-

seira representação primitiva e o prodigio da arte na maravilha da industria moderna? Que progres-so n'esta espantosa e vertiginosa carreira! E como perceber o sen-tido e a lição do avanço, sem a lição da historia, que formalmente mostra como o caminho foi anda-do na longa e difficil trajectoria?

Que distancia incomensuravel entre as conquistas de então e as conquistas de hoje que represen-tam o fruto de idades mais prove-ctas e já maduras do saber? Entre as rudes armas de combate primi-tivas e os ingenhos formidandos producto da actividade hodierna?

Entre a pobre faca de sílex e a mais delicada peça saída das ma-nufacturas de Manchester ou Bir-mingham? Entre o humilde vesti-do talhado em pele e os tecidos fi-nos e custosos urdidos nos teares de hoje? Entre o grosseiro desenho gravado sobre o pau de rena e os fulgores da joalharia na Renascen-ça, ou entre suja mancha de ocre, com que se tatuou o corpo e co-loriu a veste e uma tela de Rem-brandt?

E depois, na propria fala, que progressivo desenvolvimento, que divergencia entre a simples inter-jeição, gesto ou mimica primitivas, sem amplitude na expressão, e a fluidez e volubidade da palavra domada na linguagem doce de um José Estevam, Castelar ou Gam-beta?

Mas repare, repare bem, e sem se elevar ás altas regiões onde se expandem agora as mais sublimes produções que o genio inventivo e eminentemente fecundo do homem cria pelo sopro ardente das artes e industrias, desça ás bagatelas e não exame dos factos mais vulga-res, que são do dominio quotidian-o e nos escápm pelo habito de os encarar todos os dias, encon-trará vestígios de uma vagarosa evolução, de observar bem, por que é em observar com cuidado e tomar devidamente o peso dos va-lores mínimos, está a força e gran-deza dos espiritos superiores e se descobre o fundo e a nudez da verdade.

D'esta sorte rigorosamente acha-rá que em tudo a perfeição só se ganha por uma demorada educa-ção e tirocinio, tanto quanto na sorte do mundo as coisas podem atingir Perfeição.

LUDOVICO DE MENEZES.

O HERALDO é o jornal algarvio mais barato e de maior circulação.

A espinha dorsal de Eva

UMA CURIOSIDADE

Em Dresden realizou-se ha tem-pos uma exposição dos quadros de Lucas Cranach, que foi um prazer para os pintores e um as-umpio de estrondo para os ortho-pedistas, porque um medico, o dr. Schlanz, se impressionou muito ao ver que Eva, Lucrecia e as pro-prias deusas tinham as costas muito salientes. Sentiu t' tristeza que a divulgou pela *Semana Medica Ale-mã*.

O defeito d'estas figuras não é um capricho depravado de Cra-nach, porque estes retratos de mu-lheres são igualmente rachiticos, e a duquesa Citharina apresenta um caso de *scoliose* bem accentuado. Alberto Durer, que desenhava um Adão magnifico dobrou egualmen-te a espinha dorsal de Eva. Como se não pode duvidar da sincerida-de d'estes mestres, é forçoso con-fessar que a mulher allemã da Re-nascença tinha curvada a espinha dorsal.

O dr. Schlanz encontrou a cau-sa de tão grande desgraça no uso das barbas de baleia e de aço, en-tão menos vulgarisado do que ho-je. Eis a causa da degenerencia do typo feminino.

Proseguindo nos seus estudos sobre as outras épocas, o dr. Sch-lanz chegou a esta formula geral: que antes do espantillo todas as gerações eram mais ou menos car-nudas! Pelo menos, os pintores acima referidos parecem remontar esse pormenor á nossa mãe Eva.

OS SAPOS

Os sapos pertencem á ordem dos *Batrachios*, e formam o typo d'uma numerosa familia chamada *Bufo-niformes*. Estes animaes assemelham-se muito ás rãs e ás relas; todavia existe entre elles uma differença que é facil de reconhecer. Os sa-pos differem essencialmente das rãs por terem as suas maxillas despro-vidas de dentes, ao passo que as rãs os têm, pelo menos, na maxilla superior. As relas distinguem-se dos sapos e das rãs pelos seus de-dos terminados na extremidade por pequenas pelotas ou discos alonga-dos, fazendo o officio de ventosas por meio das quaes trepam e se fi-xam.

Os sapos são pouco nadadores; encontram-se quasi sempre em ter-ra, muitas vezes bastante longe da agua. Marcham e correm mais do que saltam. Durante o dia conser-vam-se nos buracos feitos na terra recentemente lavrada, debaixo das pedras ou no oco das arvores; e quando chega a noite, deixam o seu retiro e vão dar caça aos moluscos, aos insectos, sobretudo isabelhas, e aos vermes com que se alimentam. Sahem igualmente depois das chuvas quentes do estio e são, ás vezes, tão numerosos que, em cer-tos logares, cobrem por assim di-zer o solo. Na época da copula, no principio da primavera, approxi-mam-se das aguas e fazem então ouvir um som plangente e aflauto muito differente do seu grito ordi-nario. A fêmea deposita os seus ovos sob a forma de dois rosarios, que, reunidos ponta a ponta, têm algumas vezes mais de 10 metros de comprimento.

Dez a doze dias depois da pos-tura, os ovos têm o dobro da gros-sura e a eclosão effectua-se ao vi-gésimo dia. Os recém-nascidos, chamados Cabeçudos, adquirem as suas guelras, órgãos respiratorios, dois ou tres dias depois, mas não possuem, por assim dizer, senão uma cabeça muito volumosa e uma cauda mais comprida do que a ca-beça. No fim de algum tempo vê-em-se apparecer duas patas de di-ante, depois duas outras, as poste-riores; a cauda encurta-se pouco a pouco, acabando por desaparecer completamente quando o cabeçudo chegar ao estado adulto, isto é de sapo.

Durante a época das metamor-phoses o cabeçudo é um animal a-aquatico, como um peixe; mas tor-nado sapo, é um animal aerio, isto é, vivendo d'ar, podendo mergulhar bem na agua, mas não viver n'ella completamente.

Os sapos parecem viver muito tempo, adquirindo ás vezes uma grande estatura. São seres absolu-tamente inoffensivos, mas que ins-piram uma verdadeira animadver-são, por causa do seu aspecto rep-ellente.

Quanto ao que se diz do seu ve-neno, da sua mordedura e da sua faculdade de encantar os animaes, deve ser considerado como fabula. Tem contudo a facilidade de alongar a sua lingua uns 8 a 10 centi-metros fóra da bocca e de aspirar, como tivemos occasião de verificar muitas vezes, abelhas collocadas a mais de 25 centímetros de distan-cia do sapo aspirador.

Bem longe de perseguir e de at-tacar, o sapo não sabe senão defen-der-se e torna-se a presa das cego-nhas, das cobras, etc. E' verdade que, quando se vê surprehendido, faz rehumar da sua pelle um liqui-do viscoso que não é de modo al-gum venenoso, e o mais que faria seria causar irritação se porventura chissse n'uma ferida aberta, e ao mesmo tempo lança o conteúdo da sua bexiga, que é igualmente inof-fensivo, pelo anus. Os sapos utili-sam a grande extensibilidade da sua pelle, que é pouco adherente aos musculos, para introduzir en-tre ella e estes uma quantidade de ar sufficiente para intumecer o cor-po e collocar o no meio d'uma camada elastica, que o torna menos sensível ás coisas exteriores.

A vida dos sapos não tem acti-vidade, mas em compensação é de uma tenacidade extrema. São sus-ceptiveis de hibernar, e por isto é facil de comprehender que elles possam viver bastante tempo en-

cerrados em espaços muito restri-ctos. Assim, por exemplo, tem-se encerrado sapos em blocos de ges-so fechados por todas as partes e tem-se encontrado vivos dezoito mezes depois, mas n'estas experi-encias reconheceu-se que o ar de-via chegar até elles através dos po-ros do gesso, porque, quando ha-via o cuidado de impedir toda a passagem de ar, a morte do ani-mal sobrevinha bastante cedo. Não se deve, pois, acreditar os novellei-ros que dizem ter encontrado sa-pos vivos no meio de rochas de formação muito antiga ou no meio de velhas construcções. Estes con-tos provêm de factos mal observa-dos e da facilidade com que estes batrachios se infiltram nas mais pe-quenas fendas e interstícios.

As chuvas de sapos devem tam-bem o seu nascimento ás narrati-vas de pessoas, em que a arte de observar é muito rudimentar.

A maior parte das vezes têm-se deixado illudir pela multidão de pe-queños batrachios que, em certas localidades, sahem do solo depois d'uma chuva de tempestade. Tive-mos occasião de verificar este fac-to em Vittel (Vosges) em julho de 1895. Passeando n'uma tarde de nevoeiro muito intenso, ao longo d'um pequeno lago, podíamos obser-var na estrada nacional uma infinidade de sapos pequenos. Não era possivel pousar um pé sem esma-gar uma dezena d'elles. Quanto ás chuvas de sapos é muito possivel que, por um tempo muito tempes-tuoso, uma tromba formada por ci-ma d'um charco, transporte um certo numero d'estes animaes que cahem mais longe com a chuva, parecendo cahir do céu.

A familia dos *Bufo-niformes* com-prehende umas cincoenta especies, formando cerca de quinze generos.

A Europa possui apenas dois generos d'esta familia. O sapo com-mum (*Bufo vulgaris*), e o sapo verde (*Bufo viridis*).

O primeiro é, em geral, d'um pardo avermelhado ou pardo cas-tanho, algumas vezes cor de azei-tona ou anegrestado. As partes su-periores são mais ou menos tuber-culosas. Approximam-se bastante das habitacoes, penetrando n'ellas muitas vezes.

O segundo é esbranquiçado, com malhas d'um verde carregado e tem sobre cada pata uma glandula gros-sa. A sua pelle muda de cor con-forme vela ou dorme, quando está á sombra ou ao sol.

A. MERLE.

LIVRO DE LEITURA

Para a 1.ª classe de instrucção primaria, por D. João da Camara, Maximiliano de Azevedo e Raul Brandão.

Custo 120 réis. A venda em to-das as livrarias do paiz.

MONUMENTO

PINHEIRO CHAGAS

SUBSCRIÇÃO

Transporte 291\$875

Julio Henrique de 300

Moura Teixeira, sup 300

Guilherme Martins, 300

D. Antonia Alves da 300

Fonseca de Almeida 50000

da Chaves, Lamego 50000

Custodio Carnevalha 10000

Porto 10000

A Folha de Torres Ve 20000

das 20000

Dr. José Maria Hol 10000

bache de Oliveira 10000

Trigoso 10000

Antonio Ferreira da 10000

Costa Guimarães 10000

Porto 10000

Pedro Augusto Go 200

mes 200

R. de Oliveira 100

J. Santos Silva 100

Armando Nunes Fra 100

de 100

Jacintho I. Cabral 10000

Raymundo Mougnette 500

Felix Lami 100

Raul de Mendonça 10000

Um Endireito 625

Somma.... 3060000

Camara Municipal de Tavira

Em sessão de hontem da camara municipal de Tavira foi lido o seguinte officio do Governo Civil d'este districto, com data de 26 do corrente.

Tendo se consultado o Ministerio do Reino sobre o assumpto de que trata o officio de v. s., n.º 61 de 22 d'abril ultimo, encarega-me o ex.º sr. Governador Civil de lhe communicar que foi respondido o seguinte:

«Que, como é consequente do disposto no art.º 51 n.º 13 do codigo administrativo e foi resolvido no despacho ministerial de 27 d'abril de 1896, publicado no *Anuário* d'esta direcção geral, podem as camaras municipaes cobrar as taxas sobre vehiculos, auctorizadas no artigo 68 n.º 4 do mesmo codigo, por meio de licença. Teem estas de ser impetradas pelos particulares interessados na respectiva concessão; e, pois, que, ainda nenhuma lei as declarou gratuitas, acham-se por isso litteralmente comprehendidas na verba 12.ª do capitulo 2.º da tabella dos emolumentos approvada pela carta de lei de 23 d'agosto de 1887.»

Instrução publica

Vae ser creada uma escola mixta na Mexilhoeira da Carregação, regressando a sede a escola do sexo masculino da freguezia de Estombar.

—Recommendamos ás camaras municipaes que solicitem da direcção technica das construcções escolares em harmonia com o n.º 22 do art.º 382 do regulamento vigente. Os tipos de mobilia officialmente adoptados, evitando assim que as creanças adquiram a curvatura da espinha dorsal com o sequeito de doenças que d'ella derivam, usando mobilia imperfecta. Com isso prestarão ellas um grande serviço á infancia.

MERCADO DE GENEROS

DIA 29 DE MAIO

Cevada...	500	14 litros
Chicharos...	600	"
Favas...	700	"
Feijão raiado...	1200	"
Grão...	12100	"
Milho de regadio...	860	"
Milho de sequeiro...	800	"
Trigo broeiro...	800	"
Trigo rijo...	840	"

Horario de comboios

No novo horario do caminho de ferro do sul e sueste, o comboio correio que sae de Lisboa ás 6 da tarde, chega a Olhão ás 5,10 da manhã e sae de Olhão ás 6,30 da tarde, chegando a Lisboa ás 6 da manhã.

De Olhão sae um comboio ás 7,30 da manhã, chegando a Lisboa ás 10,40 da noite. De Vendas Novas, sae um comboio ás 7,40 da manhã, que chega a Olhão ás 7,30 da tarde. De Portimão sae um comboio ás 6,50 da tarde, que chega a Olhão ás 6,30 da tarde, chegando a Lisboa ás 6 da manhã.

O comboio que sae de Vendas Novas ás 7,40 da manhã, chega a Portimão ás 6,40 da tarde. De Portimão sae um comboio ás 8,15 da manhã; entronca em Tunes ás 9,35 com o que sae de Olhão ás 7,40 da manhã e chega a Lisboa ás 10,40 da noite.

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL URBANA

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua de S. Mamede, 107 (ao largo do Caldas) Lisboa, acaba de editar este novo regulamento, em conformidade com a ultima publicação do *Diário do Governo*. É a unica edição que contém a carta de lei de 29 de julho de 1899, e o regulamento da serviço das anuções por sinistros, occorridos em predios rusticos, de 23 de agosto de 1903, sendo o seu preço 200 réis. Também já está exposto á venda o regulamento relativo ao imposto sobre *Especialidades Pharmaceuticas*. O seu custo é de 200 réis.

Uma perfeita cura

A debilidade é o começo d'uma grande serie de doenças e é por isso de summa importancia recuperar força e, se for possivel, impedir o mal.

O meio mais rapido e mais seguro de ganhar forças é tomar a Emulsão de Scott, e os que teem experimentado em vão centenaes de remedios, passam do seu maravilhoso effeito.



MADAM MARIA D'ALMEIDA.

14, RUA DE SANTO ILDEFONSO, PORTO, 16 de Novembro de 1901.

Illmos. Srs. De delicada constituição e de lymphatico temperamento padeci frequentes achagues e constipações renitentes pelo mais insignificante descuido, que de cada vez tornavam o meu estado de saude mais fraco e mais delicado. Era evidente que eu necessitava qualquer tonico ou alimento poderoso para regenerar o sangue e fortificar o organismo. Crendo que a sua bem conhecida e celebra Emulsão de Scott tinha essa propriedade decidi, com o consentimento do medico, tomar-a. Passadas algumas semanas os meus nervos sentiam-se mais fortes, comi com melhor appetite e digeri os meus alimentos admiravelmente. Hoje sinto-me feliz de poder dizer que me acho completamente restabelecida, trabalhando com afam e vivendo contenta.

Sou, etc. (a) MARIA D'ALMEIDA.

A Emulsão de Scott é o oleo de fígado de bacalhau n'uma forma saborosa, de facil digestão e tres vezes mais efficaz, como acaba de ser provado pelas experiencias medicas nos Hospitais. Como addição aos elementos curativos — Hypophosphitos de cal e soda — está o oleo de fígado de bacalhau incomparavel.

Actualmente o oleo de fígado de bacalhau é um remedio alimenticio natural, e não existe no mundo nada que possa egualar ou ultrapassar as suas propriedades nutritivas e curativas, e menos certamente nenhuma d'essas drogas baratas ou oleo mineral, que por ali offerecem, em virtude da escassez do artigo genuino. Lembrem-se bem que a Emulsão de Scott é de oleo de fígado de bacalhau de Noruega garantido, preparado sabroso e de facil digestão. Pode-se enganar o paladar tomando uma imitação do admiravel remedio-alimento da natureza, mas não é possivel enganar o organismo.

Uma imitação da Emulsão de Scott nunca realisará aquillo que a verdadeira Emulsão de Scott póde alcançar. Imitações causarão desapontamento tão certo como a genuina Emulsão de Scott ha de curar. Insista-se em obter a verdadeira Emulsão de Scott, e examine-se a marca de fabrica, que representa um pescador com um grande peixe, gravada em um rotulo branco.



Marca registada.

LIVROS D'INSTRUÇÃO

Na livraria de João d'Aranjo Moraes, Lisboa, Rua da Assumpção, 49 e 51, vendem-se os livros officialmente approvados para instrução primaria e curso dos lycens.

Alli se encontra a grammatica franceza de José Mignel dos Santos e Manoel de Conversação, do mesmo auctor, livros que nos cursos commerciaes de diversos collegios teem obtido magnificos resultados.

AS INDIGESTÕES ALLIVIAM SE

Tomando duas obrejas, e curam-se radicalmente antes de acabar o primário estejo do *Digestivo Mojarrieta*. As dyspepsias desaparecem radicalmente, tomando tres ou quatro estejos.

Nas doenças chronicas mais graves, gastro intestinaes, deve-se tomar tres mezas o *Digestivo Mojarrieta*; que é o unico verdadeiro gastro-intestinal completo e radical, universalmente reconhecido muito superior a todos os outros remedios para curar as molestias do estomago, e cuja efficacia é absoluta para purificar os alimentos.

Deposito em Portugal: Pharmacia da Companhia Hygiene, Praça de D. Pedro.—Lisboa.

SANTO ANTONIO

Começou hontem na sua igreja, na Atalaya Grande, a costumada trezena de Santo Antonio.

Trese tardes de passeio ao sitio mais aprasivel da cidade.

Armações de atum

Peixe vendido nas diversas lotas do Algarve desde o dia 24 a 30 de maio de 1904

Villa Real

Abobora, 2:067 atuns, 193 atuarros, e 13 albacoras, vendidos por 12:7362661 réis.

Medo das Cascas, 466 atuns e 453 atuarros, vendidos por réis 4:0622120.

Barril, 1:010 atuns, 193 atuarros e 1 albacora, vendidos por 6:7452555 réis.

Livramento, 179 atuns, 95 atuarros, 86 albacoras e 540 sarrações, vendidos por 1:4432076 réis.

Bias, 227 atuns, 83 atuarros, vendidos por 1:5402747 réis.

Ramalhete, 252 atuns, 82 atuarros, vendidos por 1:6682831 réis.

Medo Branco, 129 atuns, e 88 atuarros, vendidos por 1:0222625 réis.

Forte Novo, 117 atuns, 59 atuarros e 9 albacoras, vendidos por 9382999 réis.

Olhos d'Agua, 225 atuns, 65 atuarros, vendidos por 1:3602332 réis.

Senhora da Rocha, 133 atuns, 34 atuarros, e 1 albacora vendidos por 1:6672957 réis.

Cabo Carvoeiro, 382 atuns e 109 atuarros, vendidos por 2:1302039 réis.

Torre da Barra, 46 atuns e 13 atuarros, vendidos por 2642583 réis.

Atalaya, 395 atuns, 345 atuarros, 16 albacoras, e 850 cachoretas, vendidos por 3:3102079 réis.

Ponta da Humberia, (Hespanha)—81 atuns e 13 atuarros, vendidos por 5272416 réis.

Santi Petri, (Hespanha)—410 atuns, vendidos por 1:8472500 réis, (d'esta armação, venderam-se 153 atuns, atrazados, por 3692750 rs.)

Senhora da Cinta, (Hespanha)—295 atuns e 31 atuarros, vendidos por 1:3482291 réis.

Lagos

Torre Altinha, 13 atuns, 3 atuarros, 12 albacoras, 1 corvina, 82 sarrações e peixe diverso, vendido por 6012500 réis.

Para fechar:

Que tal lhe parece este quadro pintado por minha filha?

—Francamente... acho-o detestavel. A sua menina tem algum professor de pintura de pouca nomeada?

—Não, senhor; pinta d'ouvido.

A sr.ª H..., entrando um dia subitamente na cozinha, encontra a cosinheira a beber uma garrafa de vinho.

As duas encararam-se:

—Francamente, Gertrudes, estou admirada!

—Eu tambem, minha senhora. Julgava que tinha saído.

—A senhora está em casa?

—Não, senhor.

—Tens a certeza d'isso?

—Sim, senhor.

—E se eu te der cinco tostões?

—A senhora está em casa. Está, sim, senhor. Pintou-se agora, e por isso é preciso que ella seque.

A CAÇA

Superiormente dirigida pelos srs. dr. Paulo Cancelli e dr. Henrique Anachoreta, esta revista impõe-se aos amadores de todos os sports pela variedade dos assumptos, interesse dos artigos e nitidez das gravuras. O numero 5.º que acabamos de receber insere muitas gravuras sobre automobilismo: a descripção de uma interessante caçada aos lobos; curiosos tipos de cães francezes; um bello retrato do prior Neutel com excellentes artigos de Paes Falcão; o engenheiro Mesnier e seu filho n'uma caçada aos javalis; o estudo sobre o cão de Mostra pelo dr. Anachoreta; tiro aos pombos; magnificas estampas do cavallo luso-arabe, Sevilha e outras localidades de reconhecida importancia.

Novidades litterarias

Fisiologia do Amor—P. Mantegazza
Real Confeiteiro—Portuguez e Brasileiro.

O que as noivas devem saber—Da condessa de Til.

Margarida Posterla—Cesar Cantu.

Agosto Azul—De M. Teixeira Gomes.

A Superstição Socialista—Garofalo.

Dolores—drama—Trad. de Coelho de Carvalho.

JOSE MARIA DOS SANTOS

TAVIRA

COZINHA E COPA

O mais desenvolvido e completo manual é o *Tratado Completo de Cozinha*, por Carlos Bento da Maia, conceituado auctor dos «Elementos de Arte-Culinaria», obra esgotada.

O *Tratado Completo de Cozinha* em publicação, é illustrado profusamente, e o preço da assignatura de 40 réis semanais, por caderneta, ou 200 réis mensaes por tomo de 5 cadernetas.

Peçam prospectos e cadernetas specimen á Livraria GUIVARRES & C.ª 08, Rua de S. Roque—Lisboa.

A Saude

Director: João Bentes Castel-Branco. Numero avulso: 120 réis. Rua Nova de S. Domingos, 22-1.º Lisboa.

D. Anna de Castro Osorio
PARA AS CRENÇAS

Publicação de Contos Infantis. Assignatura por anno: 680 réis. Setubal.

A PARODIA

Semanario de caricaturas: Collaboração de João Chagas e Raphael Bordallo. Num: 20 réis. Rua do Gremio Luzitano, 66—1.º Lisboa.

O Occidente

Quinzenario illustrado. Assignatura por anno: réis. Largo do Poço Novo. Lisboa.

Athayde d'Oliveira

D. Francisco Gomes d'Aveillar

Biographia. Preço: 800 réis. Pedidos ao auctor. Loulé.

Annibal Soares

Ambrozio das Mercês

Romance Preço: 600 réis. Livraria a Viuva Tavares Cardoso, Largo de Camões, 5. Lisboa.

HOTEL CONTINENTAL

Lisboa — Roclo

Serviço de mesa de 1.ª ordem

Preço de previsão: 15200 rs.

Agradecimento. José Peres e Maria dos Maryres Peres, agradecem ao ex.º sr. dr. Antonio Francisco de Sousa os cuidados dispensados a sua filha Maria da Natividade de Peres na sua doença. (77)

Casa. Vende-se uma na rua de S. Lazaro, n.º 2, com frente para a travessa do Carracão e rua Nova de S. Pedro. Trata-se na rua Borda de Agua d'Asseca, 56.

Ações da Companhia Bias, vendem-se 5, Joaquim Pedro Raymundo. (61)

Vendem-se. Dois armazens contiguos situados no Registo á beira do rio, local proprio para embarque de mercadorias. Trata-se com major Campos ou filhos. Tavira.

Arrenda-se a horta da Fonte Santa, freguezia da Luz. Trata-se em Faro, rua Serpa Pinto 4. (30)

Casas. Vendem-se umas na rua da Caridade, n.º 33, com 5 compartimentos, quintal e poço. Trata-se com a dona; rua das Portas d'Afeição em casa de Caetano do Carmo. (27)

Vende-se. Estantes para loja e balcão. Nesta redacção se diz. (56)

Carro. Vende-se um de carga, com molas e uma mula, tudo bom. Quem pretender dirija-se a Marçal de Sousa e Silva, de Santa Catharina. (18)

Vende-se um armazem na travessa do Buraco, que servia de adega e todas as pipas e demais pertences da mesma. Nesta redacção se diz. (62)

Egoa. Vende-se uma boa propria para sella e tiro. Trata-se com José Maria Marques—Tavira.

Vendem-se 8 ações da armação de Bias. Dirigir á redacção d'este ornal. (21)

Mylord. Vende-se uma nova e muito leve, que pode servir para cavallo só ou parelha. Quem pretender dirija-se á praça D. Francisco Gomes, 5. —Faro.

Vende-se. Quem pretender comprar cortiça para armações de pesca, de 400 a 500 arrobas, de boa marca e qualidade, para boias, deve dirigir-se a Manoel Antonio Viegas Valaço, S. Braz d'Alportel (54)

PULVERISADORES MOCHO

para vinha; os melhoresapparehos conhecidos, vendem

JOSÉ CENTENO & C.ª

TAVIRA (50)

Casas. Vendem-se umas no rua de S. Lazaro com o n.º 83 de policia. Quem pretender dirija-se a seu dono José Pedro Barros, residente na mesma casa. (65)

CALDAS DE MONCHIQUE

Casa de saude—Systema Kneipp

Bom serviço medico diario, comprehendendo applicações therapeuticas, medicamentos, quartos e comidas hygienicos
Por dia—15500 e 25500 réis

HOTEL CENTRAL

Serviço de primeira qualidade

Por dia—15100 e 15600 réis

HOTEL POPULAR

Por dia—700 e 15100 réis
2.ª meza—(pensão)—400 réis

Gerente dos hoteis—José da Encarnação.

Quartos e chales mobilados desde 100 a 15500 réis diarios
Serviço nos quartos, roupas e mobílias d'aluguer

Banhos geraes, quentes, tepidos e frios d'agua simples, mineral ou artificial, duches, effusões, pulverisações, banhos de vapor, banhos de sol, gymnastica medica. Tratamento do reumatismo, doenças gastro intestinaes, de pelle, do systema nervoso e bronchies, rachitismo, convalescências e suas doenças chronicas não contagiosas.

CLUB E BILHAR

DIRECTOR-MEDICO

(68) João Bentes Castel Branco.

Marcos Algarve

Canções d'Alguem

Livro de versos. Preço 400 réis. Tabacaria opular. Tavira.

Antonio Corrêa d'Oliveira

RAIZ

Versos. Preço: 800 réis. Livraria França Amado, Coimbra.

Leão Tolstói

A FELICIDADE CONJUGAL

Trad. de Joaquim Leitão. Preço: 800 réis. Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso. Largo de Camões, 6, Lisboa.

